



Circulando - Diálogo e Comunicação na Favela – uma perspectiva de comunicação cidadã¹

Vitor Monteiro de Castro²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo pretende mostrar como o evento “Circulando – diálogo e comunicação na favela”, idealizado pelo Núcleo de Comunicação Crítica do Alemão, pode expressar as idéias dos moradores do conjunto de favelas do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, na perspectiva de formação de intelectuais orgânicos das classes subalternas que, através de uma comunicação voltada para a cidadania, alterem a realidade onde vivem, através de experiências comuns de comunicação contra-hegemônica nas periferias. Para isso passamos pela noção de sociedade civil e intelectual orgânico de Gramsci, de príncipe eletrônico de Ianni e de comunicação emancipadora de Bahktin.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação cidadã; circulando; favela.

Em busca de cidadania

No dia 11 de outubro de 2006 o Batalhão de Operações Especiais – Bope – da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro ocupava o conjunto de favelas do Alemão, permanecendo até o dia 23 do mesmo mês; No dia 20 de outubro, moradores das comunidades se reuniram para buscar soluções para evitar a continuidade da ocupação violenta da favela pelo Bope; no dia 23 de outubro, moradores foram ao Ministério Público entregar relatos dos abusos cometidos pela polícia; no dia seguinte, 24, realizaram o I Fórum de Discussão Contra a Violência e em Defesa da Vida. A proposta do Fórum foi mostrar para a imprensa as atrocidades cometidas pelo Bope nesse período; em fevereiro de 2007, nova ocupação das forças policiais no conjunto de favelas, agora entre os dias 13 e 15 de fevereiro; no dia 6 de março de 2007 duas pessoas morrem e oito ficam feridas em uma ação policial; no dia 2 de maio de 2007 a polícia ocupa a Vila Cruzeiro com 150 homens, por conta do assassinato de dois policiais.

Toda essa onda de violência vai culminar em um dia trágico para os moradores do conjunto de favelas do Alemão. No dia 27 de junho de 2007, a Força de Segurança

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação para a Cidadania do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Cultura do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, email: vitor@observatoriodefavelas.org.br.



Nacional e as polícias Civil e Militar invadiram o conjunto de favelas do Alemão com 1350 homens. Nesta operação 19 pessoas foram executadas. Mais de um ano depois, em julho de 2008, os soldados da Força de Segurança Nacional permanecem nas entradas dos morros do conjunto de favelas.

É em meio a toda essa onda de violência e de desrespeito aos direitos humanos que um grupo de jovens, a maioria moradores do conjunto de favelas do Alemão, realiza periodicamente o evento cultural e de mídias “Circulando – diálogo e comunicação na favela”, desde o dia 31 de março de 2007. Voltado não apenas para os moradores do Alemão, o Circulando se coloca como proposta de difusão de conhecimentos e culturas da favela, de uma visão mais próxima da realidade social vivida por essas pessoas do que a difundida diariamente pelos veículos de comunicação hegemônicos³.

O presente artigo pretende mostrar como esse evento, idealizado pelo Núcleo de Comunicação Crítica do Alemão, pode expressar as idéias desses jovens com vínculos diretos com os moradores das favelas e conseqüentemente pontos de vista que reflitam os interesses dessa população. É com essa visão vinculada à problemática do povo e da nação, que esse grupo pode ser capaz de oferecer uma representatividade mais ampla e concreta do real, o que Gramsci chamou de cultura nacional-popular (Coutinho, 2006), representando os interesses dos moradores das favelas cariocas, com uma visão contra-hegemônica, e ainda dialogar com a sociedade na busca por transformações sociais.

Sociedade civil e intelectuais orgânicos

Com as revoluções democrático-burguesas dos séculos XVIII e XIX contra o estado feudal, a nobreza e o clero, temos a origem do liberalismo. A religião agora deve entrar na luta contra outras visões de mundo, de outras ideologias. Surge então o que Gramsci chama de “aparelhos ‘privados’ de hegemonia”. Aqui o Estado não é apenas o conjunto dos aparelhos de coerção – a repressão continua, as leis permanecem –, mas esses elementos de coerção fazem parte agora da “sociedade política”. Nesse momento Gramsci vê o surgimento da “sociedade civil”, com relações de hegemonia, que complementam os aparelhos de coerção pelo convencimento (imprensa, igrejas, sindicatos, etc.). São organizações que contribuem para a formação política, intelectual e moral da sociedade. Uma forma de dominação ideológica, na tentativa de conquistar o

³ O termo hegemônico se baseia no termo introduzido pelo pensador italiano Antonio Gramsci, que considera a hegemonia com um conjunto de valores e práticas dos quais as classes dominantes se valem para fixar e legitimar sua liderança sob o conjunto da sociedade.



consenso dos dominados. Esses aparelhos de hegemonia sustentam os aparelhos coercitivos e esses legitimam os aparelhos hegemônicos. A sociedade civil é a instância responsável pela produção e difusão do discurso ideológico de uma determinada classe (GRAMSCI, 2007).

Essa nova esfera social – a sociedade civil – surge com a intensificação dos processos de socialização da política e é dotada de leis e de funções relativamente autônomas e específicas, além de uma dimensão material própria. Nessa nova conjuntura o Estado não se limita apenas aos mecanismos de coerção, mas agora ocorrem relações sociais de hegemonia. Além da coerção, garante também o consenso dos dominados. Para que isso se concretize, a hegemonia necessita constituir-se como um processo que se renova segundo as condições históricas, tornando-se um conjunto de experiências, relações e idéias assimiladas com naturalidade pela sociedade.

Essas novas instâncias ideológicas de dominação se desvinculam do Estado, mas têm a função de exercer uma política ideológica e cultural. E as classes hegemônicas têm conhecimento de que este é um processo ativo e que é necessária cautela diante dos questionamentos à dominação vigente. É justamente no âmbito da sociedade civil que se legitima ou se contrapõe a política hegemônica, ela é este espaço de luta pela hegemonia e pela cultura, onde se organizam a visão de mundo. É nesta esfera também que as camadas subalternas se organizam e impõe suas culturas. Esse posicionamento contrário à hegemonia dominante, com base na teoria gramsciana⁴, pode ser chamado de contra-hegemônico.

Assim caracterizada a sociedade, entre o Estado, que diz representar o interesse público, surge uma esfera pluralista de organizações, de sujeitos coletivos. Essa esfera é a sociedade civil, o espaço da luta pelo consenso. Assim, a organização da cultura, para Gramsci, já não é algo diretamente subordinado ao Estado, mas é resultado das articulações da sociedade civil.

No Brasil, houve uma forte participação da sociedade civil dos anos 1970 até a eleição presidencial de 1989. Porém, os anos 1990 representaram um refluxo desse processo, motivado em grande medida pela crescente hegemonia político e ideológico-cultural do neoliberalismo.

⁴ Althusser usa o termo “aparelhos ideológicos de Estado” para denominar os instrumentos ideológicos de produção da cultura. Gramsci denomina esses instrumentos como “aparelhos privados de hegemonia”. A diferença entre um e outro é que, ao usar a idéia de hegemonia, Gramsci possibilita a idéia de uma contra-hegemonia, como aparelhos de luta. Já Althusser coloca todos os aparelhos a serviço do Estado.



O conjunto das propostas neoliberais operou no sentido de promover uma despolitização geral da sociedade e, conseqüentemente, também da cultura. Tivemos a tentativa, muitas vezes exitosa, de transformar a sociedade civil nessa coisa amorfa e despolitizada, hoje pomposamente chamada de ‘terceiro setor’ (COUTINHO, 2006, p. 106).

Assim, é na esfera da sociedade civil que se dá a luta pela cultura e a conquista da hegemonia (entendida como liderança intelectual e moral de uma classe – ou fração dela – sob o conjunto da sociedade, conquistada pela difusão de ideologias). Dessa forma os aparelhos de hegemonia, além de elaborar e difundir, legitimam uma visão de mundo, essencial para a manutenção do poder. Esta concepção parte do reconhecimento que a dominação política não se dá apenas pela coerção, mas também pela busca de consenso entre os dominados, sendo esse o papel principal dos aparelhos de hegemonia representados pela grande mídia. Nesse sentido, os intelectuais orgânicos têm importante função, uma vez que criam e exprimem a visão de mundo da classe em que se identificam, diferentemente dos intelectuais tradicionais

O intelectual das classes subalternas liga-se organicamente a estas classes, trabalhando para a construção de uma visão de mundo contra-hegemônica. Essa ligação ocorre na medida que ele reconhece a necessidade de transformar uma realidade historicamente construída, reinterpretando o passado nacional a partir de uma noção popular. Organizar a cultura significa tornar orgânica a visão de mundo (valores, idéias, significações) de um determinado grupo social, formando uma consciência e uma ideologia que permita a esse grupo contar sua história a partir de uma perspectiva própria. O papel do intelectual orgânico é atuar no âmbito cultural de forma a deixar claras as contradições sociais existentes, lutando para a construção de uma visão de mundo contra-hegemônica, além de combater ideologias conservadoras presentes no senso comum e definir uma consciência crítica que exprima os anseios das massas.

Mídia e hegemonia

Neste cenário, as instituições políticas estão se remodelando ou sendo substituídas, já que outras e novas instituições e técnicas da política estão sendo criadas, praticadas e teorizadas. Se para Maquiavel o príncipe se consolida como um dirigente, governante, tirano, presidente, monarca ou patriarca (1996), e se Gramsci formula a teoria de um moderno príncipe como intérprete e condutor de indivíduos e coletividades



(partido político) (2007), Ianni acrescenta “o príncipe eletrônico, que simultaneamente subordina, recria, absorve ou simplesmente ultrapassa os outros” (2003, p. 145).

Para Maquiavel o príncipe é uma figura política capaz de articular suas qualidades de atuação e liderança e as condições sociopolíticas em que atua. Para Gramsci, o moderno príncipe deixa de ser uma pessoa, mas é visto como uma organização é o partido político, onde se aglutinam as capacidades de uns e outros, líderes e seguidores, de forma que as decisões e interpretações do jogo das forças políticas cabem a esse coletivo. O partido é capaz, nesse momento, de acumular as inquietações e reivindicações sociais, como programa de organização, atuação, conquista e preservação do poder. Esse partido é empenhado em expressar as inquietações e as reivindicações de seus seguidores e também de outros setores da sociedade. Porém, quando se trata da luta pela conquista do poder seu objetivo principal é construir hegemonia alternativa, na qual se expressam os interesses das classes e grupos sociais subalternos.

Já o príncipe eletrônico não é nem uma pessoa e nem um partido político, mas ultrapassa as atividades desempenhadas por essas duas figuras políticas.

O príncipe eletrônico é uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos socioculturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo (IANNI, 2003, p.148).

O príncipe eletrônico é representado pela mídia e os meios de comunicação de massa. É possível argumentar que a mídia apresenta um caráter plural e que os interesses das classes e grupos sociais subalternos seriam atendidos por esses veículos. Mas no âmbito da mídia em geral, a visão expressada é principalmente a do mundo dos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial. Nesse campo sobressai ainda a televisão, meio de comunicação, informação e propaganda presente e ativo no cotidiano de indivíduos e coletividades em todo o mundo.

No caso específico do Brasil, o controle da mídia cabe a alguns poucos grupos econômicos familiares. Essa concentração desarticula os sistemas locais de informação, que poderiam desempenhar um papel importante ao dinamizar iniciativas locais de gestão participativa. Pior, “a distribuição das afiliadas das grandes redes encontra no cenário regional atores identificados tanto com as lideranças políticas quanto com as igrejas eletrônicas” (SANTOS in FILHO e HERSCHMANN, 2007, p.128). No Brasil os



meios de comunicação não funcionam como prestadores de serviço voltados para a cidadania. Apenas 1,3% (Ibidem, p. 134) dos municípios brasileiros não recebem o sinal da TV aberta, o que nos faz imaginar o poder desta rede de comunicação. Hoje, as tecnologias permitem sistemas simples e baratos, acessíveis para a maioria das regiões do país, e os monopólios existentes só se mantêm pela capacidade de pressão política herdada de outros tempos. A descentralização e democratização dos meios de comunicação tornam-se essenciais para a transformação social.

É neste contexto que estão também presentes as corporações transnacionais, interessadas no comércio de mercadorias e na publicidade, além da expansão de seus mercados. Essas mídias são agentes importantes na organização da cultura e há, portanto, uma “complexa rede de articulações corporativas envolvendo mercados e idéias, mercadoria e democracia, lucratividade e cidadania” (IANNI, 2003, p. 151). Dessa forma, o príncipe eletrônico pode ser visto como um intelectual orgânico dos grupos, classes ou blocos de poder dominantes, em escala nacional e mundial. Em alguma medida, esses grupos, classes ou blocos de poder possuem influência significativa nos meios de comunicação, informação e propaganda, funcionando ainda como indústria cultural.

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir à aceitação de certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas representações e idéias “o modo como as coisas são”. Os textos culturais populares naturalizam essas posições políticas hegemônicas. Numa cultura da imagem dos meios de comunicação de massa, são as representações que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas. E é por meio do estabelecimento de um conjunto de representações que se fixa uma ideologia política hegemônica. A ideologia funciona por exclusão e marginalização, assim como por afirmação de posições ideológicas específicas. Ela, portanto, faz parte de um sistema de dominação que serve para aumentar a opressão ao legitimar forças e instituições que reprimem e oprimem (KELNER, 2001, p.81-84).

Este príncipe eletrônico pode ser definido então como um intelectual orgânico dos grupos, classes ou blocos de poder dominantes. Pode ser considerado ainda “uma fábrica de *hegemonia* e da *soberania*, que teriam sido prerrogativas do *príncipe* de Maquiavel e do *moderno príncipe* de Gramsci” (IANNI, 2003, p. 166, grifo do autor).



Os produtos da cultura da mídia não são, portanto, entretenimento inocente, mas têm cunho ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas e a ações políticas. Qual o caminho, então, para realizar mudanças sociais no sentido de uma sociedade mais democrática, opondo-se às formas de opressão? Para desconstruir esse conjunto de representações e idéias, de representações de mundo, dessas idéias que não se apresentam no que elas são, mas ao contrário, como idéias universais e naturais – mas específicas de determinado lugar e época –, é preciso tomar consciência do que você é a partir do meio em que você vive, do seu local, estabelecendo uma ponte entre a cultura midiática mais progressista e movimentos políticos que lutam pela liberdade e pela democracia. É importante ressaltar também a importância de aprender a usar a mídia como modalidade de auto-expressão e ativismo social. Portanto, a mesma tecnologia que ajuda a destruir a democracia participativa, pode ajudar a revigorar o debate e a participação democrática.

Comunicação cidadã

Na entrada do século XXI, qualquer projeto amplo de intervenção sócio-política na cidade depende de uma ação eficaz no campo da comunicação. Os dispositivos tecnológicos de mídia influenciam de forma decisiva as dinâmicas e relações de poder do atual mundo globalizado. As instâncias modernas de mediações sócio-culturais, onde se dava a formação do sujeito, a escola, a igreja, a família, os partidos, os sindicatos, dividem cada vez mais esse espaço com os meios de comunicação. As mídias têm hoje um papel efetivo na educação, no jeito de cada um pensar e sentir a sociedade, de se perceber em sociedade. Como apresentado, essa atuação dos meios de comunicação tende a representar os interesses do mercado.

Da mesma forma, os meios de comunicação têm potencial para promover a integração urbana e contribuir com a redução das desigualdades sociais e garantir a livre circulação das diferentes manifestações simbólicas e culturais de uma cidade. No Brasil, contudo, e no caso específico da cidade do Rio de Janeiro, o saldo da atuação das mídias de ampla abrangência é dramático para as favelas e zonas de periferia. Esses espaços são retratados pelo que não têm, pelos discursos da carência e da ausência, por um olhar de fora que, sem cerimônia, constrói uma representação estereotipada e simplificada, com ênfase quase total na violência e na criminalidade. Não há praticamente compromissos com a valorização do patrimônio cultural ou com fortalecimento de instâncias de identidade locais.



A partir dessa percepção, de que a informação é antes de tudo considerada como uma mercadoria, e que esse caráter prevalece sobre a função fundamental da mídia de esclarecer e enriquecer o debate democrático, é preciso criar alternativas de informações responsáveis, que não estejam estreitamente ligadas a interesses particulares e empresariais. Para uma efetiva democratização da cultura no Brasil, que atinja as grandes massas, é preciso um maior controle da sociedade sobre esses meios de comunicação, que são “poderosos instrumentos de criação, difusão e ação cultural” (COUTINHO, 2006, p. 107). Para esse controle social da mídia é preciso um amplo processo de democratização da sociedade, de ativação da sociedade civil, de pressão das classes sociais subalternas, de uma opinião pública que atue de baixo para cima.

Aí encaixa-se a necessidade de uma comunicação que partilhe do que Bahktin chama de heteroglossia, ou seja, a importância do local, do meio em que se vive, de uma multiplicidade de linguagens que possam atender aos mais variados espaços. Bahktin afirma a importância de uma oposição sistemática à linguagem automática, mecânica, autoritária, monológica, pregando uma abertura, o diálogo, a polifonia. Essa nova linguagem, mais livre, deve ser a base para a heteroglossia. É preciso situar os sujeitos – emissor e receptor da mensagem – , bem como a própria mensagem, no meio social. Assim, a forma linguística sempre se apresenta no contexto de enunciações precisas, o que implica um contexto ideológico preciso. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou um sentido ideológico ou vivencial. Dessa forma compreendemos as palavras e reagimos àquelas que nos despertam ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. Para que a troca linguística seja possível, é indispensável que os cidadãos reconheçam-se no meio social e no contexto social. Para ele,

em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um tal vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nessa época. (...) Rompido esse vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante (1986, p. 119).

Essa contextualização social se faz necessária para a compreensão da enunciação. Um enunciado qualquer sempre é dado em um contexto “cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada (...). Não há enunciados neutros, nem pode haver” (BAHKTIN,



1990, p. 46), acrescenta. Além disso, para uma comunicação cidadã que passe pela emancipação social, é essencial o que Bahktin nomeia de carnavalização – ritos e espetáculos que oferecem “uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado” (1993, p. 4-5). Essas novas formas de expressão de mundo que se contrapõem às formas hegemônicas, uma forma de relativizar a verdade dominante. Essa nova comunicação deve representar o mundo de forma diferente, com um novo olhar. Essa nova visão possibilita que os moradores partilhem experiências de mídia e reflitam sobre os seus efeitos sociais, além de fortalecer redes de solidariedade e de pertencimento, ampliando os canais de pressão e reivindicação popular. Esse é o momento em que a mídia torna-se de fato cidadã, o instante em que os moradores cruzam a rede de comunicação com a sua vida cotidiana e vira público, produtor, crítico e gestor.

Convém salientar que essas correntes de comunicação contra-hegemônicas, no decorrer do processo de infiltração progressiva nas instituições ideológicas (imprensa, literatura, ciência), “por mais revolucionárias que sejam, submetem-se à influência dos sistemas ideológicos estabelecidos e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens ideológicas neles acumulados” (BAHKTIN, 1986, p. 120-1). Uma ação que é ao mesmo tempo conformista e resistente, como assinala Chauí: o popular pode ser considerado “ambíguo, tecido de ignorância e de saber, de atraso e de desejo de emancipação, capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar” (1989, p. 124).

Circulando – diálogo e comunicação na favela

No momento atual, em especial na cidade do Rio de Janeiro, estão cada vez mais excassos formas de organização populares no campo da comunicação. Porém, como já foi apresentado, toda hegemonia possibilita uma contra-hegemonia. Uma rearticulação das formas de comunicação passa por uma redefinição da cidadania, e em particular por uma redefinição das instituições para que os espaços participativos coincidam com as instâncias de decisões significativas (Santos, 2000).

Um grupo que vem organizando a cultura no conjunto de favelas do Alemão e criando mecanismos de contra-hegemonia é o Núcleo de Comunicação Crítica do



Alemão, uma parceria do Grupo Sócio Cultural Raízes em Movimento⁵ e Observatório de Favelas⁶. A proposta do núcleo é incentivar e organizar mídias cidadãs no conjunto de favelas do Alemão, no Rio de Janeiro, propagando novas representações desses espaços e travar a disputa simbólica e cultural, influenciando inclusive os discursos dos meios de comunicação de massa. O projeto passa pela emancipação social e almeja-se que esses atores além de atuar no local, intervenham também no global.

O impacto de uma rede de comunicação cidadã efetiva extrapola a sua região de origem e passa a influenciar o ambiente sócio-cultural mais amplo da cidade, ou seja, expande-se a cadeia de causas e efeitos desencadeada pela intervenção local. Dessa maneira, veículos de comunicação comunitária são pólos em potencial de produção cultural original na cidade, de formas de representar o mundo segundo referências antes minoritárias. Com o aumento e a multiplicidade de suas instituições, a sociedade civil se fortalece. O mesmo acontece com o ambiente cultural das grandes cidades, quando disponíveis discursos pautados por diferentes visões, e não apenas os fluxos ditados da mídia tradicional. As mídias cidadãs podem ajudar a resgatar no imaginário social a idéia do “nós”, da dimensão da coletividade humana. Nesse sentido, essa comunicação é um canal de diálogo entre os diferentes grupos que habitam a cidade.

A criação desses novos conteúdos de mídia oferece a oportunidade para a construção de olhares inovadores a respeito dos espaços populares e para a afirmação de uma cidade diversificada e plural. O estímulo à emergência de uma nova linguagem no campo da comunicação, protagonizada por moradores de comunidades populares, oferece a oportunidade de que novos olhares possam ser elaborados a respeito desses espaços e permite que se avance na luta pela hegemonia no campo da representação da cidade, na qual esta seja vista, acima de tudo, como espaço da diferença, da solidariedade e do encontro plural.

Essa mobilização vinda da favela se faz necessária pela cobertura da mídia hegemônica. Em estudo realizado entre 2004 e 2006 pelo Centro de Estudos sobre Segurança e Cidadania (CESeC), com análise de mais de 5 mil textos sobre segurança em diversos jornais do Brasil e a realização de 90 entrevistas – 64 com jornalistas e 26 com especialistas da área de segurança pública –, há a constatação de uma dependência

⁵ Grupo formado por moradores do conjunto de favelas do Alemão com o objetivo de promover o desenvolvimento humano, social e cultural com participação de atores locais como protagonistas desses processos – mais informações em <http://www.raizesemmovimento.org.br>.

⁶ Instituição de pesquisa e consultoria, que se dedica à produção e à troca de conhecimentos sobre comunidades populares urbanas – mais informações em <http://www.observatoriodefavelas.org.br>.



dos jornalistas de fontes policiais, origem principal das informações em 32,5% das reportagens, e a predominância de abordagens simplificadas dos fatos - apenas 10% dos textos analisados apresentam opiniões divergentes (RAMOS e PAIVA, 2007).

Nesta mesma pesquisa, é identificado que a visão da mídia tradicional reflete maior interesse em crimes praticados nas regiões mais ricas da cidade, em detrimento de fatos que ocorrem em favelas e periferias. A justificativa apresentada pelos jornalistas entrevistados é de que os leitores de jornais se concentram nos bairros de classes média e alta, e que por isto o público se importa mais com o que ocorre em sua vizinhança. Além disso, os profissionais da imprensa alegam que os bairros das classes média e alta apresentam índices de homicídio menores do que os de favelas e periferias, o que dá ao crime ocorrido nestas localidades maior valor como "notícia" (ibidem).

O esclarecimento e a conseqüente participação efetiva da sociedade civil nas tomadas de decisões do Estado poderiam impulsionar um verdadeiro exercício da cidadania. Uma reinvenção da sociedade passa pelo acesso de todos aos bens e mensagens, pelo direito de receber informações responsáveis sobre os produtos e também pela participação democrática da sociedade civil em todos os setores que têm direito, sejam eles jurídicos, sociais, políticos, midiáticos e de consumo.

O Núcleo de Comunicação Crítica do Alemão é um grupo independente e realiza, entre outras atividades, o evento de mídias e oficinas *Circulando – diálogo e comunicação na favela*. Com o evento, o Núcleo busca mostrar as favelas como um lugar de criação e criatividade, incentivar outros moradores do Alemão a criarem e/ou exibirem suas criações, apresentar a pessoas de fora da favela aspectos outros da realidade local que não a violência, potencializar a comunicação na favela e contribuir para que os discursos elaborados se façam mais presentes no restante da cidade.

A proposta do Núcleo é possibilitar que organizadores, moradores do Alemão e visitantes possam criar ou ampliar as suas formas de comunicação e diversificar as informações trocadas. Ou seja, falar mais coisas e coisas novas por meios distintos e mais horizontais. Um diálogo na favela, sobre a favela e a cidade. O Núcleo conta com não mais de 20 jovens, que criaram o Núcleo em 2006 e trabalham voluntariamente. Praticamente todos moram no complexo do Alemão e têm ligações com o Grupo Sócio-Cultural Raízes em Movimento ou com o Observatório de Favelas.

Também é proposta do Núcleo explorar as oportunidades econômicas que existem nas áreas populares cariocas, lugares de diversos tipos de empreendimento e de públicos com os mais variados perfis. Há nessas localidades forte demanda por



informações sobre a realidade do morador. Há uma necessidade urgente de oferta de produtos para as rádios comunitárias, de registro e divulgação em texto e imagem, de manifestações artísticas.

Desde o dia 31 de março de 2007 foram realizados quatro eventos *Circulando – diálogo e comunicação na favela*. O segundo aconteceu no dia primeiro de setembro de 2007; o terceiro dia 15 de dezembro; e o quarto em abril de 2008, no dia 5. Os eventos contam apresentações artísticas variadas de moradores das favelas do Alemão e também de artistas de fora da favela. O evento não se acaba no evento, mas a sua construção e a sua repercussão fazem parte do processo de comunicação desenvolvido pelo Núcleo, que vão desde as matérias produzidas para circularem no dia do evento ao o encontro dos moradores e dos não-moradores da favela em um mesmo espaço, dessa troca de vivências. O evento conta também com música de todos os estilos, mutirões de grafites, oficinas e exposições fotográficas, debates, oficinas de meio ambiente, artesanato e direitos humanos. Destaque para a inauguração, no primeiro evento, da galeria de grafite a céu aberto, inicialmente com mais de 50 grafites, na Avenida Central, no Morro do Alemão, no conjunto de favelas.

Próximo de sua quinta edição, o Circulando pretende se colocar como um evento de mídia e de comunicação no conjunto de favelas do Alemão, que represente interesses e lute por hegemonia no campo da comunicação em relação aos temas de interesse das favelas e periferias cariocas, com objetivos de ampliar essa relação para criação de veículos alternativos de comunicação, que tenham como alicerce uma comunicação dialógica e contra-hegemônica.

Referências bibliográficas

BAHKTIN, Mikhail. [Volochnov]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Cultura Popular na Idade Média no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência** – aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 4 ed., 1989.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Intervenções** – o marxismo na batalha de idéias. São Paulo: Cortez, 2006.



GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3 ed., 2007.

IANNI, Otávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KELNNER, Douglas. **A cultura da Mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: 5 ed., Record. 2001.

SANTOS, Suzy. **Relações incestuosas**: mercado global, empresariado nacional de radiodifusão e líderes políticos locais/regionais. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Novos rumos da cultura da mídia** – indústrias, produtos, audiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Sugestões de Leitura

BAHKTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2 ed., 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 12 ed., 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil** – um ensaio sobre idéias e formas. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas histórias, memórias futuras**: o sentido da tradição em Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4 ed., 2006.